

---

A viagem foi cansativa. O hotel parece agradável. A luz forte do verão força sua entrada pelas frestas das cortinas fechadas. Caminho até a varanda do quarto. Escancaro as portas corrediças, e a brisa do mar invade todo o cômodo, envolvendo-me suavemente. Olho a praia de Tambaú a meus pés e escuto, lá embaixo, o burburinho dos carros e pedestres, o roçar dos coqueiros ao vento. Vejo as velas coloridas das embarcações e os ultraleves.

Sentado, tenho no colo a caixa de metal que trouxe comigo do encontro com o advogado. No interior dela, dois envelopes pardos guardam um enigma enquanto, ainda atordoado, repasso mentalmente os acontecimentos dos últimos dias.

---

*“Prezado senhor Guilherme Brito: trago-lhe mensagem urgente de seu irmão, o doutor Eduardo Martins. No momento, sua insuficiência cardíaca encontra-se estabilizada, mas seu estado de saúde ainda é bastante grave. Por gentileza, entre em contato comigo o mais breve possível.”*

O fax tinha a assinatura do responsável pelo escritório de advocacia que, algumas semanas antes, me procurara para anunciar que eu tinha um irmão vinte anos mais velho que eu, médico, já envelhecido e adoentado, querendo conhecer-me. Logo em seguida, o endereço, cuidadosamente sublinhado, lembrava-me de que eu deveria viajar com urgência a João Pessoa.

Sentia-me completamente perdido. Saber sobre Eduardo deixou-me atordoado. No início, julguei mesmo se tratar de um engano. Ainda assim, não consegui dormir durante as noites que antecederam minha partida. A perspectiva de que aquilo fosse verdade, de que eu de fato tivesse um irmão desconhecido, tornara-se fundamental para minha vida. Gostaria muito de tê-lo podido conhecer ainda na minha infância. Quando menino, ressentia-me pela solidão de não ter um irmão mais velho a meu lado. Ninguém para me proteger nas brigas da escola. Um amigo mais experiente com quem eu pudesse conversar sobre as dúvidas da adolescência. Papai era um homem bom e honesto, mas sua exagerada dedicação aos negócios mantinha-o um pouco distante da família, e isso aumentava ainda mais meu sentimento de solidão. Muito cedo, aceitei trabalhar com ele e aos 18 anos já era seu braço direito na administração das fazendas. Foi desse modo que conquistei sua admiração e passei a acompanhá-lo mais frequentemente.

Ao completar 20 anos, casei-me, e logo em seguida minha mulher teve nossa primeira filha. Desde então, eu já estava economicamente bem situado e levava uma vida estável. Apesar de tudo, a lacuna deixada pela ausência de um irmão se manteve: era como se tudo tivesse sido rápido demais e eu precisasse quanto antes chegar à vida adulta. Não convivia bem com o sentimento de ser filho único. A descoberta da existência de Eduardo fez que isso tudo retornasse dentro de mim.

Mas por que papai jamais me falou desse outro filho? Quando paro, busco razões: a vaidade do homem importante, querendo manter as aparências? O receio do marido, não querendo alterações em seu casamento, com esse fruto de uma aventura da adolescência? Pelo que eu conhecia dele, nenhuma resposta me parecia completamente viável. Por outro lado, o que levaria meu irmão a me procurar tão tardiamente? Para essa pergunta, menos respostas ainda... Em que medida seriam eles parecidos? Nunca se conheceram na verdade, mas agora não consigo evitar a fantasia de que fossem parecidos. Não que eu os confunda, propriamente. Mas ter algo de meu pai que ainda estivesse vivo e mais próximo de mim... Sim, mais próximo de mim. Talvez isso. Só isso. Bastaria? Não sei, também. Creio que será a única resposta que conseguirei obter ao final de tudo isto.

As informações que o advogado me deu sobre Eduardo, além de poucas, eram superficiais. Ele era médico, viúvo, e foi um importante clínico do Estado da Paraíba. Quando nenhum outro médico conseguia compreender em que terreno estava pisando, o caso lhe era encaminhado. Foi sua capacidade de diagnosticar que lhe conferiu prestígio e lhe permitiu amedilhar uma modesta fortuna durante a vida. Além disso, e de seu desejo de me encontrar, eu nada mais sabia sobre meu irmão.

Quando, finalmente, cheguei a João Pessoa, Eduardo já estava morto havia quatro dias.

---

Com um lenço, enxugo a testa molhada de suor e, em seguida, num gesto que não me parece mais automático, reponho os óculos. O sol torna a atmosfera dourada, e, no horizonte, o verde-escuro e o azul, mar e céu. Talvez os confunda, não importa: as cores dão ao ar um tom ao mesmo tempo denso e forte, de que não posso escapar. Nem mesmo quero. Cuidadosamente, quase com reverência, abro os envelopes que trago comigo. Em um deles, apenas documentos. Noutro, em folhas que haviam sido cuidadosamente ligadas por uma fita vermelha, um manuscrito e uma carta.

---

João Pessoa, 10 de agosto de 2009.

Guilherme,  
meu irmão:

Acho que agora posso chamá-lo assim. Preciso chamá-lo assim. O que deixo escrito fica como uma espécie de testamento. Precisei endereçá-lo a alguém. Fico feliz que tenha sido a você. Gostaria de ter tido tempo para podermos gostar um do outro, até que fosse natural um abraço entre nós. Mas, mesmo que eu não tenha podido lhe conhecer pessoalmente, tenho o pressentimento de que você vai conseguir entender o que estou para lhe dizer.

Antes de mais nada, desculpe-me. Já se passou algum tempo desde que soube que tinha um irmão, mas, por covardia, nunca antes tive coragem de procurá-lo. Sentia que, se nos encontrássemos, não poderia fingir ou calar-me. Temi ver minha máscara cair diante de você e confesso que também tive medo de, ao contar-lhe minha história, ser julgado.

Hoje, já não acredito que você pensará algo de negativo ao terminar de ler esta narrativa; talvez o que realmente me apavorasse fosse a censura que existia em mim, e que agora já não existe. Nada modifica mais os valores de um homem que a perspectiva da morte. Chegou o momento em que preciso falar; preciso que minhas palavras, ditas a você, tornem minha vida mais legítima e me permitam, desse modo, ter uma morte serena.

Não tenho dormido bem. São noites cheias de pesadelos, aliás, como os que sempre tenho, só que em maior quantidade. Uma angústia sem fim. Acordo cansado, com falta de ar, sentindo o coração doer. Sinto que estou cada dia mais debilitado e, por temer não resistir até o momento de sua chegada, decidi empregar o meu resto de vida a deixar-lhe minha história. Pareço acreditar que se eu fizer isso a morte não chegará. Ainda não. Ao menos não agora. Sem que você o saiba, sua vida protege a minha e me conforta. E assim ela passa a fazer sentido, misteriosamente.

Sei o que estou lhe dizendo porque um dia também vivi isso com outro homem. De um modo diferente, é certo, do que sinto por você. Mas, igualmente, minha vida passou a ter um sentido que antes não experimentara. Você entenderá o que acabei de escrever à medida que eu lhe for contando o que se passou. Tudo começa com uma cena. Tudo termina nessa cena. O que você vai ler, a partir de agora, foi escrito desordenadamente há muito tempo. Eu precisava escrever para não enlouquecer, para extirpar do coração uma espécie de dor que eu não conhecia e não suportava mais sentir daquela forma. Naquele tempo, eu não tinha destinatário. Não mais, ao menos. Por isso, quando decidi que estes papéis chegariam até você, precisei reorganizá-los, dar uma seqüência lógica ao que tinha escrito havia dez anos, para que pudesse fazer algum sentido quando fosse lido por outra pessoa. E, se fiz isso, foi pensando em você, meu

irmão. O que antes eram somente partes de um desabafo desconexo tornou-se uma espécie de declaração. Minha herança tosca e inútil, mas que agora é sua.



Dobrando a carta, giro a cabeça e consigo enxergar o farol no alto da falésia que deu nome à praia lá longe. Penso em Eduardo e tento imaginar sua vida, seu dia-a-dia... Não estou triste nem feliz; talvez as palavras que melhor revelem o que eu estou sentindo sejam inquietação e curiosidade. Recosto-me na cadeira e começo a ler o manuscrito.